

MULHERES E ESPORTE: ENTRE PRECONCEITOS E DESIGUALDADES ELAS BUSCAM SEU ESPAÇO

PEREIRA, Francine Moraes¹; ORTEGA, Roberta Forini²

¹Faculdade Anhanguera de Pelotas; ²Faculdade Anhanguera de Pelotas, Departamento de Educação Física. E mail contato: francinemoraespereira@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Acredita-se que nas últimas décadas aumentou significativamente o número de mulheres praticantes de esportes no Brasil, mas isso não quer dizer que o tratamento seja o mesmo para homens e para mulheres, pois, a desigualdade nas oportunidades é muitas vezes visível, seja nas condições de acesso ao esporte, na Educação Física escolar, nas premiações de campeonatos, nos patrocinadores e em tantas outras áreas. Muitas vezes as atletas não são reconhecidas pelo seu desempenho nas quadras, pistas ou nos campos, mas sim pela beleza de seu corpo, não sendo levadas a sério. Goellner (2004 apud CASSIDORI; LESSA, 2009) reafirmam ao dizer que para as mulheres, é reservado o exibicionismo de seus corpos torneados ou mesmo a especulação de sua vida pessoal, ficando em segundo plano a sua performance.

Por estes motivos entende-se que é necessário que haja mudanças, visto isto o contexto desse trabalho visa buscar respostas para que se obtenha uma melhora no sentido de incentivo para as mulheres que praticam os esportes que na maioria das vezes são taxados como “masculinos”. Para um melhor entendimento do trabalho, será feita uma passagem pela emancipação das mulheres, uma pesquisa para identificar alguns esportes com maior índice de discriminação e uma análise da posição da mídia diante desta situação afim de que todos possam entender a luta das mulheres por igualdade.

O objetivo do trabalho é analisar e averiguar nos esportes praticados que são culturalmente “masculinos”, a forma de ingresso das mulheres nestes esportes e como são tratadas se comparando aos homens atletas.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

. O estudo foi desenvolvido em duas etapas, sendo a primeira relativa a uma pesquisa bibliográfica descritiva relatando sobre a luta das mulheres contra o preconceito e desigualdades no meio esportivo.

A segunda etapa refere-se a uma pesquisa exploratória, através de entrevistas que foram realizadas nos locais de práticas destas atletas como academia, clube de futebol, pistas de skate e MotoCross da cidade de Pelotas, que foram escolhidas aleatoriamente. Utilizou-se como instrumento de pesquisa, um questionário com sete questões, que foi aplicado às mulheres (n=10) que praticam esportes culturalmente “masculinos”, a fim de averiguar a forma de ingresso, como são tratadas em comparação com os homens atletas e o que elas acreditam que possa ser feito para mudar esta situação. Ainda nesse questionário, as atletas descreveram desde a escolha do esporte, como este foi apresentado, os principais incentivadores para a prática e o tipo e formas de preconceitos que já presenciaram.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As mulheres sempre foram vistas como frágeis e submissas aos homens, por inúmeros motivos que vem desde os primeiros relatos bíblicos sobre a criação, onde a mulher sempre foi colocada em posição de subordinação ao marido.

Os relatos sobre a emancipação da mulher começou com as duas grandes guerras, onde estas foram obrigadas a assumir a posição dos homens no mercado de trabalho, uma vez que estes estavam envolvidos diretamente nos conflitos mundiais.

Apesar de todas estas conquistas no âmbito social, as mulheres ainda sofrem algum tipo de preconceito dentro da realidade do esporte. A sociedade impõe um olhar “machista” onde o gênero masculino ainda predomina pois acreditam que para praticar qualquer esporte tem que ser forte, veloz e agressivo, ou seja, “é coisa para homens”. Acreditando que as características impostas às mulheres como beleza, suavidade, graciosidade, as deixam em desvantagem, onde ser bem sucedida enquanto atleta pode significar falhar como mulher, por não conseguir cumprir os papéis sociais designados a elas. (Cassidori. G.M; Lessa. P, 2009).

Segundo relatos das entrevistadas, no início os familiares geralmente mostravam uma resistência sobre conhecimento dos esportes que elas praticam e que escolheram, geralmente isso acontece por conta da cultura que foi imposta a eles. Tem-se o conhecimento de vários esportes que culturalmente são ditos “masculinos”. O exemplo deles é o futebol, que apesar de ser muito praticado em nosso país, ainda passa uma imagem masculinizada. Quem pensa que futebol feminino é novidade, está muito enganado. Inglaterra e Escócia foram os personagens da primeira partida de futebol entre mulheres, em 1898, em Londres.

No Brasil, a primeira partida de futebol feminino foi realizada em 1921, em São Paulo, onde se enfrentaram os times das senhoritas catarinenses e tremembeenses. (SANTANNA.2010)

Este tipo de separação de gênero e o sexismo ocorrem também em outras categorias como no automobilismo, nas artes marciais e nos esportes de aventura ou radicais, que na maioria das vezes oferecem um grande risco a integridade física de seus praticantes, por conta disso, a maioria das pessoas acreditam que não são esportes para uma mulher praticar. As mulheres que praticam esses esportes sofrem ou já sofreram preconceito, com relação ao sexo oposto, esse preconceito vem desde as roupas que na maioria das vezes as marcas produzem apenas as versões masculinas. Em entrevista uma das atletas relatou que o seu primeiro patrocínio foi de uma marca de skate a qual não produzia seus produtos na versão feminina, por conta disso ela tinha que usar roupas largas e por vezes parecer um garoto.

Segundo relato de Berton (2006) o preconceito com a mulher na prática de esportes, principalmente os de aventura, peca pela falta de roupas próprias, o que levou a pensar na maneira de auxiliá-la com roupas específicas de forma prática, feminina e confortável.

Tendo em vista que os esportes radicais não são praticados pelo simples fato de praticar e sim como um estilo de vida, a maioria das mulheres que praticam esportes de aventura ou radicais, vive essa verdade e usa essas roupas diariamente

em seus treinos, por este motivo é necessário que parta das marcas esportivas um investimento para aumentar as opções das mulheres na hora de se vestir.

Acredita-se que a mídia sempre foi muito importante para que as pessoas tomassem conhecimento de determinados assuntos, mas isto não quer dizer que seja totalmente confiável. A maioria das notícias que são “lançadas” na mídia, geralmente são manipuladas para que as pessoas conheçam aquele lado da verdade, deixando de mencionar os outros ângulos da história, com base nisso verificou-se a necessidade de averiguar algumas notícias que comprovassem esta teoria.

Analisando o livro *Onda Dura: 3 décadas de skate no Brasil*, com o objetivo de narrar a história do skate no Brasil desde 1970 a 2000, mas em meio a tantas páginas verificou-se apenas uma pequena referência às mulheres onde o editor informa que, no ano de 1995, ocorreu o primeiro campeonato feminino de skate, realizado na ZN skatepark, em São Paulo, campeonato este o qual foi vencido por Giuliana Ricomini (2000).

A marginalização é a estratégia que a mídia utiliza para retratar as atletas, celebrando os esportes masculinos, deixando as experiências femininas como menos importante, projetando as atletas a partir da exploração de sua beleza estética mais do que por suas conquistas enquanto atletas. (Devide, 2005 apud Cassidori. G.M; Lessa. P, 2009).

A maioria das atletas quando perguntadas sobre qual era a sua principal influência no esporte, responderam dando referências masculinas e a justificativa para isso era sempre a mesma, falavam que os atletas os quais elas citaram eram os que estavam em evidência na mídia no momento. Elas acreditam que se tivessem mais visibilidade na mídia, a história poderia ser diferente.

4 CONCLUSÃO

A partir das concepções apresentadas, pode-se perceber que a luta das mulheres por igualdade nas oportunidades e contra o preconceito no meio esportivo já vem há muito tempo, mas apesar de tanto tempo lutando, as mulheres ainda não têm as mesmas oportunidades e condições que os homens atletas. Todas as atletas entrevistadas relataram que já sofreram preconceitos por praticarem estes esportes, mas também revelaram que o preconceito na grande maioria das vezes parte das pessoas de “fora”, ou seja, que não praticam o esporte. Elas acreditam que falta muito incentivo financeiro e também oportunidades de visibilidade na mídia. Partindo das referências acima citadas, acredita-se que apesar da cultura imposta a sociedade, a mídia também possui uma grande parcela de culpa pelo preconceito e discriminação impostos às mulheres atletas, mesmo sendo a mesma quem fornece a visibilidade para determinadas atletas.

5 REFERÊNCIAS

BRITTO, E.A. **Onda dura: 3 décadas de skate no Brasil**. São Paulo: Gráfica Círculo, 2000.

BANDEIRA, Marília; RUBIO, Kátia. “Do outside”: corpo e natureza, medo e gênero no surfe universitário paulistano. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.25, n.1, p.97-110, jan./mar. 2011.

CASSIDORI, G.M; LESSA, P. **O Olimpo é rosa? Representações dos corpos femininos pela mídia esportiva durante os jogos olímpicos de Pequim (2008).**

2009. Disponível em: <http://www.dtp.uem.br/sies/anais/trabalhos/84.pdf>. Acesso em: 6 de junho de 2011.

FIGUEIRA, Márcia Luiza; GOELLNER, Silvana. Skate e mulheres no Brasil: fragmentos de um esporte em construção. **Revista Brasileira de Ciência e Esporte**, Campinas, v. 30, n. 3, p. 95-110, maio 2009.

GOELLNER, Silvana. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Revista Pensar a Prática**, v.8, n.1, p.85- 100, jan/jun. 2005.

SANT'ANNA, C.J.B.de. **Futebol Feminino**. 2010. Disponível em: <http://www.clerioborges.com.br/ffeminino.html>. Acesso em: 28 de abril 2011.